

RESUMO EXPANDIDO PARA COMUNICAÇÃO ORAL

Eixo Temático 19 – Gênero e Sexualidade na Escola

MASCULINIDADES E EQUIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO: UMA PERSPECTIVA FEMINISTA

Helen Barbosa dos Santos¹
Stéphanie da Selva Guimarães²
Angelo Brandelli Costa³

Resumo

Observando as mudanças políticas atuais do país, a perda de direitos de minorias e as mudanças no âmbito da educação, visa-se com este estudo, debater o alicerce dos conteúdos e estratégias de educação para redução da violência de gênero nas escolas através da mudança de paradigmas associados à corpos LGBTQIA+, negros e com menores privilégios econômicos. Para tal finalidade, utilizar-se-á um ensaio teórico, com campo epistemológico de estudos feministas sobre masculinidades, interseccionalidades e violências no âmbito escolar, baseando-se no projeto de pesquisa pós-doutoral de mesma autora deste estudo, em entrelace com o Grupo de Pesquisa em Vulnerabilidade, Preconceito e Processos Psicossociais (PVPP/PUCRS).

Palavras-chave: Masculinidades; Equidade de Gênero; Educação.

INTRODUÇÃO

O estudo a seguir parte do posicionamento epistemológico adotado em Projeto de

¹ Pós Doutoranda, bolsista CNPQ (Edital 25/2022), no Grupo de Pesquisa em Preconceito, Vulnerabilidade e Processos Psicossociais da Pós Graduação da Psicologia da PUCRS, helenpsi@yahoo.com.br. Mestrado e Doutorado pelo PPG Psicologia Social e Institucional no Núcleo de Pesquisa em Sexualidade e Relações de Gênero (NUPSEX) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Mestranda em Psicologia Social, bolsista CAPES/PROEX, pelo Grupo de Pesquisa em Preconceito, Vulnerabilidade e Processos Psicossociais (PVPP/ PUCRS). Mestranda em Psicologia pelo PPG de Desenvolvimento Humano, pelo Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária (GPPC), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). stephanie-sg@hotmail.com.

³ Professor dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia, Ciências Sociais, Medicina e Ciências da Saúde, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Coordenador do Grupo de Pesquisa Preconceito, Vulnerabilidade e Processos Psicossociais (PVPP/ PUCRS). angelobrandellicosta@gmail.com.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,

Pesquisa de Pós-Doutorado em intervenções para Equidade de Gênero tendo como cerne a perspectiva feminista nos estudos interseccionais em masculinidades, na indissociabilidade pesquisa-ensino-extensão ao incluir distintos setores da sociedade (gestores de políticas públicas de saúde, profissionais da educação, universidade e instituições internacionais) na produção de conhecimentos socialmente relevantes em torno de estratégias teórico-práticas de educação em promoção à equidade de gênero, enquanto processo de transformações das relações sociais entre profissionais de educação e entre jovens para a qualidade de vida e prevenção à violência de gênero. Para tal desenvolvimento, o seguinte estudo foi desenvolvido juntamente com o Grupo Preconceito, Vulnerabilidade e Processos Psicossociais (PVPP/PUCRS), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sob supervisão do coordenador e pesquisador do PVPP, Prof. Dr. Angelo Brandelli Costa. Objetiva-se implementar e avaliar processo de educação teórico-prática direcionada a profissionais e gestores no âmbito da educação no ensino médio acerca de temáticas que envolvem a promoção de equidade de gênero enquanto estratégia de prevenção à violência entre jovens.

A veiculação de estereótipos e hierarquias sociais em torno de conflitos violentos na escola reflete as dinâmicas de poder e os privilégios que determinados corpos possuem em detrimento de outros. Estudos em masculinidades na perspectiva feminista tem contribuído nessa seara, ao revelarem que a socialização masculina perpassa sempre a um nível maior ou menor de violência nas relações sociais vividas desde a infância ao longo da vida, não apenas nas formas como os meninos/homens interiorizam, individualizam e o reforçam, mas também na reprodução do sexismo nas relações sociais que envolvem todos os corpos (crianças, mulheres, etc) e instituições sociais.

Para tanto, os referenciais teóricos apresentados são de suma importância para o posicionamento crítico do estudo e revelam que apesar de adolescentes e jovens, especialmente minorias de gênero, sexualidade e raça estarem expostos a múltiplos riscos e efeitos deletérios no processo saúde-adoecimento bem como às iniquidades no acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, são difusas as iniciativas no interior das instituições de ensino que sejam direcionada à inclusão de pautas da diversidade e dos preconceitos que produzem estigmas e conflitos violentos diversos. Do *bullying* aos conflitos armados entre jovens, as ações de apoio, acolhimento e intervenção direcionada a educandos(as), profissionais, gestores e comunidade, reduzem a invisibilidade social e perpetuação da violência “à tudo o que é feminilizado”, sendo estas atitudes percebidas e

perpetuadas por posicionamentos ético-políticos no cenário brasileiro, acrescentando disputas e relações de poder nos modos de governar as vidas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Olhemos com atenção para o mundo dos meninos e jovens e não levará muito tempo para percebermos que ser homem é vencer três nãos: não ser mulher, não ser gay e não ser criança (Marcos NASCIMENTO, Márcio SEGUNDO & Gary BAKER, 2011). Para tornar-se homem, meninos e jovens passam por processos mais ou menos violentos em instituições como a escola, abrigos, prisões e/ ou quartéis, onde devem diferenciar-se de tudo o que é feminilizado, seja por exclusão, seja por ataque ao diferente.

Nesse ínterim, dois obstáculos podem ser considerados como magnos nas relações sociais no âmbito escolar que são a homofobia e a heteronormatividade institucional. Tanto a homofobia como a transfobia são um princípio lógico fundamental em nossa definição cultural de masculinidade. (Tatiana LIONÇO, 2008). A homofobia é mais do que ser considerado gay ou fora da lógica: pênis = homem. A homofobia é o medo de que outros homens o vejam como “veado”. E o reconhecimento do medo é uma prova para os próprios meninos, jovens e homens de que estes não são tão másculos quanto acreditam ser. Estes preconceitos estão intimamente ligados tanto ao machismo quanto ao racismo. (Berenice BENTO, 2012).

Esse aspecto diz respeito a diversos fenômenos da violência de gênero entre jovens. Almerson Passos (2019), afirma que muitos autores denominam a violência ocorrida no âmbito escolar como *bullying*. No Brasil, os estudos da violência escolar partem da análise das depredações e danos aos prédios escolares e chegam ao final da década de 1990 e início dos anos 2000 com estudos das relações interpessoais agressivas, envolvendo alunos (as), professores (as) e outros agentes da comunidade escolar (Elisa COELHO, 2016).

Em uma época onde as manifestações de violência estão cada vez mais explícitas na sociedade, falar sobre o *bullying* escolar e seus desdobramentos aparece como cenário importante de análise e combate aos sistemas de opressões que se inter cruzam para a manutenção de comportamentos hegemônicos e historicamente construídos. No entanto, Almerson Passos (2019) e Elisa Coelho (2016) criticam a maior parte das produções científicas nacionais sobre *bullying* que ao ressaltarem a lógica dicotômica do sexo biológico que invisibilizam pessoas que estão à margem das normas historicamente estabelecidas de gênero, sexualidade e raça.

É importante ressaltar que a educação formal, a princípio, foi pensada apenas para os homens, fruto de um sistema político que os permitia transitar entre as esferas pública e privada com maiores liberdades sociopolíticas, e às meninas era permitido uma educação doméstica, obedecendo à lógica essencialista da docilidade, passividade e da maternidade (Valeska ZANELLO, 2011).

Diversos estudos têm delineado o *bullying* homofóbico e misógino como mecanismo para a construção e o controle de masculinidades entre rapazes (Dude PASCOE 2007; Jackeline SOUZA, 2015; Elaine SOUZA, 2017). Já nas práticas de intimidação entre meninas entre 11 a 15 anos, Jamile Guimarães (2018) afirma que essas também são mediadas por discursos sobre sexualidade, majoritariamente relativos a condutas promíscuas enquanto posições de poder e negociações identitárias nas interações entre meninas na escola. A autora do estudo percebeu que a rotulação permitia que meninas reivindicassem suas próprias feminilidades normativas ao repudiarem outras. (Jamilé GUIMARÃES, 2018)

No contexto escolar os discursos racistas e de ódio praticados nas escolas são muitas vezes analisados como *bullying*, que de certo modo permite que o racismo seja invisibilizado e generalizado a uma espécie de brincadeira de mau gosto entre crianças e adolescentes. (Almerson PASSOS, 2019). Bellhooks (2019), contribui muito nos estudos sobre jovens negros e suas relações a partir dos modos pelos quais são socializados na família, nas escolas e nos grupos de amigos, apontando a virilidade entre eles como um bloqueio valorativo que dificulta a expressão de complexidades emocionais que precisam ser explicitadas como algo existente e reconhecido publicamente, desfazendo a representação racista de animalização. (Alan RIBEIRO, 2016)

Quando não reconhecidos socialmente os jovens negros, e menos privilegiados economicamente, serão coagidos a provar sua virilidade. Quando determinadas masculinidades vivenciam restrições sociais, a violência costuma ser uma tática de poder que garante ao homem seu lugar de “macho”. (Marcos NASCIMENTO et. al., 2011). Expostos a violência territorial armada, meninos e jovens apreendem performances masculinas que se posicionam sob a lógica do matar ou morrer, onde casa e rua se interpelam na produção de infâncias militarizadas. (Tatiana MOURA, 2007).

Em meio a sistemas de opressão, imbricados uns aos outros, percebe-se porque razão alguns meninos/meninas e jovens são discriminados, enquanto outros se beneficiam de posições de privilégio. A interseccionalidade torna-se, então, uma ferramenta de análise que nos ajuda a compreender como diferentes marcadores sociais têm impacto na forma como se

ascende aos direitos e às oportunidades. Entende-se interseccionalidade nesse contexto, partindo do conceito cunhado e difundido por feministas negras dos anos 1980, com o intuito de dar significado à luta e à experiência destas, cujas especificidades não encontravam espaço de discussão quer no debate feminista quer no debate anti-racista. (Kimbérle CRENSHAW, 1989; Cristiano RODRIGUES, 2013).

Essa complexidade é exigida ao adotarmos a dimensão relacional de gênero, evitando-se, assim, uma leitura marcada pela dicotomia, a partir da abordagem de gênero, dentro de uma perspectiva feminista, que tem as relações de poder como dimensão central de análise. (Benedito MEDRADO; Jorge LYRA, 2008)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos sobre masculinidades e metodologias pela equidade de gênero enquanto prevenção das violências, podem oportunizar que tanto profissionais/gestores e discentes se vejam como sujeitos compostos, posicionados em distintos privilégios e desigualdades sociais a partir de suas diferenças interseccionais. Tais temáticas, precisam ser permanentemente debatidas nos espaços de educação formal e através das redes sociais, como vetor da diminuição das violências (re)produzidas entre meninos/jovens contra meninas/mulheres e contra a população LGBTQIA+ nos ambientes domésticos e urbanos no Brasil; país que mais mata a população LGBTQIA+ e o décimo país que mais extermina a população jovem, principalmente jovens negros entre 16 e 24 anos (Daniel CERQUEIRA et. al, 2018).

Nesse sentido, urge pautar a masculinidades como problemática social. Conforme Raewyn Connell (2019, p. 193), as masculinidades possuem uma relação intrínseca com o feminismo, “quer essa seja uma relação de rejeição, ou de coexistência cautelosa ou ainda de apoio caloroso, esse é o centro emocional dos debates atuais”.

Mas afinal, quem seria o sujeito do feminismo? - nos pergunta Judith Butler (2003). Em seu livro “*O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*”, Bellhooks (2019) preconiza que o impacto emancipatório do feminismo alcança a todas as pessoas, pois a produção de uma consciência crítica e uma sociedade constrói suas bases por vias outras que não a normalizadora dos indivíduos. (Vanessa FONSECA, 2019)

No artigo de autoria da autora deste trabalho, intitulado de “*Movimento de Homens; Homens em Movimento: Dissonâncias no debate sobre as Masculinidades*” (Helen SANTOS, Priscila DETONI; Flávia NOVAES, 2019) problematizou-se justamente as questões relativas

aos homens e à equidade de gênero como parte das discussões no campo dos debates feministas. A respeito desse assunto, Raewyn Connell (2013), afirma que, buscar a unidade dos "homens" deslocados do feminismo só pode significar enfatizar experiências e interesses que dividem os meninos, jovens e homens em vez de uni-los, tais como: homofobia, racismo, transfobia, ação afirmativa para as mulheres, assédio e violência sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Autores pesquisados em torno de projetos e ações para equidade de gênero (Vanessa FONSECA, 2019; Tiffany JONES T, 2011) referem que a maior parte das iniciativas na educação em sexualidade e gênero ocorrem isoladamente e a curto-prazo, mais como propostas advindas de instituições de ensino, projetos de extensão universitária e movimento de organizações não-governamentais do que enquanto parte de um projeto de governo que estaria alocado em políticas públicas com foco na prevenção à violência e juventude no âmbito escolar. É diante dessa perspectiva supracitada, a qual Tiffany Jones (2011), identificada como “pós-moderna”, relata que o embasamento epistemológico perpassa os entendimentos sobre a temática com base nas interseccionalidades e desse modo a escolha pelo termo Equidade reforça que para haver processos que possibilitam uma educação em direção a igualdade e justiça mediante a eliminação das diferenças desnecessárias e evitáveis é necessário interpelar um olhar e uma escuta que perceba as pluralidades de corpos, desejos e necessidades.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. **Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas**. Revista Estudos Feministas, v. 20, p. 569-581, 2012.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade; Trad. **Renato Aguiar**, v. 8, 2003.

CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro Coordenador et al. Atlas da Violência 2018: políticas públicas e retratos dos municípios brasileiros. 2018.

COELHO, Elisa Araújo. **Xingamentos entre adolescentes em Brasília: linguagem, gênero e poder**. 2011.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, p. 241-282, 2013.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, p. 171-188, 2002.

KOHLER, Daiane; DE AZEVEDO, Domingos Sávio Campos. PRECISAMOS FALAR COM OS HOMENS. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 11, n. 2, 2019.

GUIMARÃES, Jamile. Dinâmicas interacionais do bullying entre meninas: explorando as tramas do aprendizado de gênero. **Ex æquo**, v. 38, p. 167-182, 2018.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2018.

JONES, Tiffany Mary. Saving rhetorical children: Sexuality education discourses from conservative to post-modern. **Sex Education**, v. 11, n. 4, p. 369-387, 2011.

LIONÇO, Tatiana. Que direito à saúde para a população GLBT? Considerando direitos humanos, sexuais e reprodutivos em busca da integralidade e da equidade. **Saúde e sociedade**, v. 17, p. 11-21, 2008.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, p. 809-840, 2008.

NASCIMENTO, Marcos; SEGUNDO, Márcio; BARKER, Gary. Reflexões sobre a saúde dos homens jovens: uma articulação entre juventude, masculinidade e exclusão social. Gomes R, organizador. **Saúde do homem em debate**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, p. 111-28, 2011.

DUDE, Pascoe C. **You're a Fag: Masculinity and Sexuality in High School**. Berkeley. 2007.

PASSOS, Almerison Cerqueira. O bullying escolar no Brasil: Reflexões gendradas e a emergência de olhares interseccionais. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 2, n. 5, 2019.

RIBEIRO, Alan Augusto. Homens Negros, Negro Homem: A perspectiva de um feminismo negro. **Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, v. 2, n. 2, 2016.

RODRIGUES, Cristiano. Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 10, p. 1-12, 2013.

DOS SANTOS, Helen Barbosa; DETONI, Priscila Pavan; NOVAIS, Flávia Luciana Magalhães. Movimento de homens; homens em movimento: dissonâncias no debate sobre as masculinidades. **Diversidade e Educação**, v. 7, n. 2, p. 252-275, 2019.

SOUZA, Elaine de Jesus; SILVA, Joilson Pereira da; SANTOS, Claudiene. Representações de docentes acerca da diversidade sexual e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, p. 519-544, 2017.

SOUZA, Jackeline Maria de; SILVA, Joilson Pereira da; FARO, André. Bullying e homofobia: aproximações teóricas e empíricas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, p. 289-298, 2015.

ZANELLO, Valeska; BUKOWITZ, Bruna; COELHO, Elisa. Xingamentos entre adolescentes em Brasília: linguagem, gênero e poder. **Revista Interações**, Lisboa, v. 7, n. 17, p. 151-169,



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,

2011. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/451/405>>. Acesso em: 25 set. 2014.